

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA E HISTÓRIA NACIONAL

ANA CAROLINA JUNGES

**ENTRE O SER E O MUNDO: CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE E O  
EXISTENCIALISMO**

**CURITIBA**

**2019**

**ANA CAROLINA JUNGES**

**ENTRE O SER E O MUNDO: CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE E O  
EXISTENCIALISMO**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de especialista do curso de Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Orientadora: Profa. Dra. Maurini de Souza

**CURITIBA**

**2019**

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

### **ENTRE O SER E O MUNDO: CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE E O EXISTENCIALISMO**

por

**ANA CAROLINA JUNGES**

Esta monografia foi julgada e aprovada como requisito parcial para a obtenção de título de especialista do curso de Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional, do Departamento de Linguagem e Comunicação (DALIC) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Curitiba, 12 de dezembro de 2019.

---

Profa. Dra. Maurini de Souza  
Orientadora

---

Prof. Dr. Rogério Caetano de Almeida  
Membro titular

---

Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima  
Membro titular

O TERMO DE APROVAÇÃO ASSINADO ENCONTRA-SE NA COORDENAÇÃO DO CURSO.

Ao amor (o amor de variados formatos)  
que forma, completa e constrói.

Ele achava que era por causa das ruas planas, das calçadas. Mas era porque ela acreditava que as pessoas que a vissem ou cruzassem com ela a pé achariam que ela também morava na cidade.

(FAULKNER, 2007, p.5)

## RESUMO

JUNGES, Ana Carolina. **Entre o ser e o mundo: Carlos Drummond de Andrade e o existencialismo**. 20f. Monografia (Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2019.

O presente trabalho tem como principal objetivo abordar o modo pelo qual a poesia de Carlos Drummond de Andrade projeta uma determinada reflexão sobre o estar-no-mundo e, conseqüentemente, sobre um possível engajamento social do poeta frente aos problemas da modernidade historicamente colocados para a sua geração. Para tanto, analisaremos o poema “E agora, José?”, de modo a retirar de sua reflexão as principais formulações sobre o “estar-no-mundo” e o “engajamento poético” a que o poeta se propõe. Estabeleceremos também a relação que a obra do poeta itabirano possui com a filosofia existencialista de Camus, demonstrando o mito de Sísifo, o homem absurdo. A poética do poeta mineiro torna-se uma bela ferramenta filosófica de reflexão sobre o estar no mundo. Além disso, o presente estudo torna-se importante para o desvendar da grandiosa obra do poeta *gauche*.

**Palavras-chave:** Literatura brasileira; poesia; história, Carlos Drummond de Andrade.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2 ENGAJAMENTO SOCIAL.....</b>	<b>9</b>
<b>3 EXISTENCIALISMO.....</b>	<b>14</b>
<b>4 CONCLUSÃO.....</b>	<b>18</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>19</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Atentaremos, neste estudo, para a importância da filosofia em diálogo com a literatura, uma vez que o literário deve ser compreendido também como expressão da realidade, e não somente como texto ficcional. Dessa maneira, é essencial a investigação da representação do ser e de suas reflexões existenciais dentro de uma obra literária, pois o trato existencialista torna-se recorrente numa época conturbada em que o mundo se desenvolve cada vez mais fraccionado e movido pela mecanização moderna. A rápida urbanização e a angústia crescente que o ser começa a expressar pelo cenário da cidade (por meio do ser caminhante e observador) é de extremo proveito filosófico, principalmente na poesia modernista do início do século XIX. Visando o interesse grande pela poética de Drummond – autor reconhecido como poeta maior de nossa literatura –, cresceu, então, o entusiasmo pelo estudo filosófico para levar o homem à perfeita compreensão do seu lugar no mundo e do engajamento social que a poesia, em especial a de Drummond, oferece para a literatura. O presente trabalho tem por objetivo discutir sobre o modo pelo qual a poesia do escritor *gauche* elabora uma reflexão sobre o estar-no-mundo e, portanto, sobre um possível engajamento social do poeta frente aos problemas da modernidade historicamente colocados para a sua geração. O poeta registra sua existência por meio de um texto literário imensamente recheado de reflexões sobre o eu, o outro e o mundo.

Observa-se, portanto, o sujeito que é jogado à existência para a compreensão de um mundo “caduco”, o mundo que o poeta denomina de vasto, mas, incompreensível, sentindo-se estrangeiro e solitário, buscando construir sentidos e enfrentando medos para a dura luta contínua. Em meio a conflitos históricos e revoluções tecnológicas e industriais, Drummond constrói um “eu todo retorcido” que aponta para as incertezas do ser humano num tempo de dúvidas. Aprofundamos, ao entrar no universo drummondiano, a reflexão sobre o complexo entender da condição do outro, além da relação que o outro, o eu e o mundo mantêm. A profunda consciência do outro em nossa existência e da necessidade de expressão que o poeta mantém em sua obra nos aproximam do escritor mineiro e de seu caminhar duro e reflexivo, além de nos dar base para desvendar, em conjunto com variados estudos, a belíssima e subjetiva obra do poeta mineiro.



## 2 ENGAJAMENTO SOCIAL

A obra de Carlos Drummond de Andrade retrata de forma íntima os paradoxos dos sentidos humanos em um mundo modernizado, dominado pelo capital, re-tratando, assim, a dura luta do ser humano ao procurar uma compreensão do seu estar-no-mundo. O presente estudo torna-se interessante para ampliar o conhecimento da grande obra drummondiana, pois procura-se entender, em conjunto com a filosofia, a maneira que o indivíduo psicológico/filosófico é expresso em uma obra literária, além da experiência de comunicação com o coletivo que o eu-lírico tenta por meio de sua bela e instigante poesia universal. Procura-se, desse modo, debater sobre o modo que a poética de Drummond elabora uma reflexão em relação ao estar-no-mundo e, dessa maneira, pensar sobre um possível engajamento do poeta em face dos problemas sociais de sua época.

Ao ler os poemas de Carlos Drummond de Andrade, em especial os escritos entre *Alguma poesia* (1930) e *Claro enigma* (1951), pode-se observar em um primeiro momento – e de maneira um tanto superficial – a recorrência da palavra “mundo”. É possível perceber que o poeta representa a sua própria permanência torta nesse “mundo” ao poetizá-lo, demonstrando, como bem observou WISNIK (2005, p. 27), que “o mundo só entra na poesia através de uma tortuosa exclusão includente”. Ou seja, o mundo pertence ao poeta – assim como o poeta pertence ao mundo – e esse pertencimento, que é revirado, torna-se matéria poética. O escritor mineiro faz da poesia lírica um meio de observar o perambular do homem em seu cotidiano urbano e sua obra torna-se intimista por retratar o anônimo.

Engraçado notar o caráter paradoxal na poética drummondiana: o mundo não seria matéria poética, o mundo não caberia no “mundo” das palavras, acontecimentos banais não poderiam necessariamente gerar poesia; entretanto, o escritor mineiro poetiza exatamente o mundo em sua plenitude, bem como a sua posição torta em face desse mesmo mundo, como se fosse uma maneira de compreender – por meio da escrita melancólica – a forma torta em que o mundo se desenvolve.

Percebe-se, então, que o poeta transpõe à escrita a sua reflexão sobre o estar no mundo mediante acontecimentos banais e corriqueiros, além de seu intenso sentir. Entretanto, o que é importante destacar nesse momento é que essa contradição entre o “mundo” e a “poesia” é aparente, como podemos observar em “Procura da Poesia”, poema que pertence ao livro *A Rosa do Povo* (1945). Nele, podemos perceber justamente que o poeta realiza uma espécie de reflexão sobre o fazer poético e, por consequência, sobre a relação entre a “poesia” e o “mundo”.

Não faças versos sobre  
acontecimentos. Não há criação  
nem morte perante a poesia. Diante  
dela, a vida é um sol estático,  
não aquece nem ilumina.  
As afinidades, os aniversários, os incidentes pessoais não  
contam. Não faças poesia com o corpo,  
esse excelente, completo e confortável corpo, tão infenso à efusão lírica.  
Tua gota de bile, tua careta de gozo ou de dor  
no escuro são indiferentes.  
Nem me reveles teus sentimentos,  
que se prevalecem do equívoco e tentam a longa viagem.  
O que pensas e sentes, isso ainda não é poesia.  
(ANDRADE, 2015, p.104)

O poeta quebra o lugar-comum de que o poema é o espaço onde a experiência pessoal e os sentimentos, ambos em estado bruto, têm a oportunidade de aparecer como elementos que definiriam o fazer poético. Ao contrário, o poeta parece defender que é necessário analisar *as palavras* mais de perto, pois possuem variados sentidos, variadas faces e são a matéria-prima da poesia:

Penetra surdamente no reino das palavras.  
Lá estão os poemas que esperam ser  
escritos. Estão paralisados, mas não  
há desespero,  
há calma e frescura na superfície intata.  
Ei-los sós e mudos, em estado de  
dicionário. Convive com teus poemas, antes  
de escrevê-los. Tem paciência, se obscuros.  
Calma, se te provocam.  
Espera que cada um se realize e  
consume com seu poder de  
silêncio.  
Não forces o poema a desprender-se  
do limbo. Não colhas no chão o  
poema que se perdeu.  
Não adules o poema. Aceita-o  
como ele aceitará sua forma definitiva e  
concentrada no espaço.  
(ANDRADE, 2015, p.105)

A poesia não seria, portanto, apenas um trabalho intelectual com as palavras, isto é, com a *forma*. Para fazer poemas, nessa ordem de ideias, é preciso *sentir* o que as palavras lhe pedem, o que a escrita lhe pede; ao analisar o poema, podemos nos atentar ao aparente caráter paradoxal da escrita de Drummond, pois, como já dito

anteriormente, os temas que ele próprio diz não ser poesia dentro do poema, são exatamente os que mais são tratados em sua obra geral: “a poesia, transportada pela sua própria negação, se dá no lugar onde ela se diz não estar, estando” (WISNIK, 2005, p. 31).

É possível sugerir uma explicação para esse aparente caráter paradoxal na poesia de Drummond: o poeta talvez use a experiência poética, isto é, o seu incessante trabalho com as palavras, justamente para transpor à escrita o sentimento de incongruência mundana. Ademais, observa-se que realmente o seu pensar e sentir talvez não teriam, sozinhos, significação em face de um mundo vasto. O poema precisa de uma validação universal. No poema “Morte do Leiteiro”, que compõe o livro *A Rosa do Povo* (1945), pode-se ver expressa plenamente a indignação que o poeta (submetido pelo “anjo torto”) mantinha com problemas sociais de sua época – que talvez sejam vividos até os dias de hoje, além de nos levar a uma reflexão sobre a existência humana e a maneira que o engajamento social de sua obra era representado.

Há pouco leite no país,  
 é preciso entregá-lo cedo.  
 Há muita sede no país,  
 é preciso entregá-lo cedo.  
 Há no país uma legenda,  
 que ladrão se mata com tiro.  
 (ANDRADE, 2015, p.151)

O poema atíça nossa sensibilidade após refletirmos sobre o ter que prevalece sobre o ser, ou melhor dizendo, a humanização sendo banalizada em contraposição ao valor material e social que um mundo competitivo exige de um ser racional e emocional ao mesmo tempo. O país possui “pouco leite e muita sede”; há pouca humanidade e dignidade, porém o vasto mundo sente falta de justiça e igualdade: “A antítese entre pouco leite e muita sede revela a tamanha deficiência que o país se encontra” (JACOBY, s.d, p. 57). Portanto, há pouca justiça, pouca igualdade, pouco respeito e alteridade para muita violência que a “briga” de classes suscita: de um lado o leiteiro, trabalhador que acorda cedo para ganhar seu dinheiro, de outro o “urbano massacrador” (JACOBY, s.d, p.57). Permanente à margem das casas em que entrega o leite, o mero leiteiro possui pressa demais para ser valorizado. O mundo exige sua eficiência, a sua mecânica para poder evoluir enquanto os que recebem os leites repousam. A má distribuição de renda e o rebaixamento da classe desfavorecida indigna o poeta que expressa, por meio de recursos linguísticos es-

trabalhados, a crítica social que lhe cabe. Há as descrições do leiteiro, porém elas não importam após sua morte. Para a sociedade moderna, para o mundo que precisa do capital, a humanização torna-se banal, o que importa é produzir sem medir consequências para si mesmo e para a própria essência humana. A análise dos poemas acima nos leva a pensar no papel da poesia em um século que a crise da modernidade afeta o homem repleto de “experiências contraditórias que oscilam entre sentimentos positivos e negativos, entre fascínio e terror, progresso e decadência” (PAGOTO, 2008, p. 10). O poeta moderno, em face do cenário-cidade, vê-se como um ser revolucionário e insociável, pois parece não ter espaço no mundo tomado pelo capital. Poetas modernos, inconformados, solitários e perplexos com a realidade, explanam para sua poesia o sentimento que o mundo em constante urbanização lhe oferecem:

O que faz o poeta, artesão da palavra, em tempos em que o artesanato foi substituído pelas máquinas? De acordo com Décio Pignatari (1994), a crise do poeta atual é similar à crise do artesão frente ao processo de industrialização. Se poesia é contemplação, o que faz na sociedade capitalista, dominada pelo trabalho? Poesia não é apenas contemplação, é perplexidade (PAGOTO, 2008, p 10).

Acontecimentos sócio-políticos ocorridos no século XX, como a Segunda Guerra Mundial, a consolidação do stalinismo, o fracasso da revolução socialista e a ascensão do governo ditador de Vargas, influenciaram fortemente a poesia de Carlos Drummond de Andrade, sobretudo o que ele criou entre as décadas de 1930 e 1950. O que se vê, após as décadas de criação, é, em certo sentido, o debate memorialístico e filosófico do rescaldo das experiências pessoais e sociais datadas dos anos de formação. Para mais, com suas paixões, desenganos e frustrações, percebe-se a crescente percepção da sua importância dentro da poesia moderna no Brasil a ponto de ser admirado como nosso poeta maior. Observa-se, então, uma persona literária afetada, ao longo de sua caminhada, pela tensão do mundo moderno, mundo esse marcado pelo sistema capitalista, onde o ter prevalece sobre o ser. Esse sujeito lírico expressa o incômodo explicitamente em sua obra, dando voz assim às inquietudes universais ao demonstrar sua pesada carga de insatisfação e uma consciência de si e do mundo em modernização. Além de seus caminhos biográficos, que vão da província para metrópole, podemos dizer que o poeta se destaca quando tratamos de engajamento poético, pois retrata também – mesmo sem querer – o Brasil de sua época com plenitude, além de transcender “o individualismo, o subjetivismo, mergulha na subjetividade lírica, na universalidade. Assim, sua obra fala de si, mas ao falar de si, fala de todos.” (PAGOTO, 2008, p.14). Assim, a poesia passa a retratar o homem moderno e seus embates em não perder uma identidade localizado num mundo

relativamente precário de essência, mas que promete progresso e evolução. A poesia de Drummond, escrita em meio a conflitos, nos apresenta a reflexão não só do lugar que o sujeito ocupa no mundo, mas o lugar também da própria poesia.

Variadas dimensões de mundo são expostas por sua escrita: a metrópole, recheada de tecnologia e composta pelo poder mercantil, em contraponto com a “vida besta” da província, o mundo afetado pela Segunda Guerra Mundial e a poesia moderna que trouxe questões revolucionárias: “o mundo exclui a poesia, e a poesia insiste ainda em incluir o mundo” (WISNIK, 2005, p. 24). A poesia, portanto, passa a refletir o homem, não só em face de acontecimentos políticos e sociais, mas também na reflexão de sua existência afetada por esses acontecimentos. Não é à toa que o Existencialismo, desenvolvido no mesmo período, parece guardar pontos de similaridades que podem ser úteis para compreendermos a poesia de Carlos Drummond de Andrade.

### 3 EXISTENCIALISMO

Ao ler mais de perto a poesia drummondiana, percebe-se uma escrita repleta de textos carregados de subjetivismo que revelam a contradição própria do ser humano, demonstrando a fascinação que o escritor experimentava pela vida e pela escrita, com tudo o que de contraditório caiba nisso. Ocorre que a dimensão sisuda da poesia de Drummond é acompanhada por um humor bastante original, aliado à percepção criticamente desencantada do mundo. Ou seja: o teor existencialista, o questionamento sobre a crescente modernidade e o encaixe do sujeito em um mundo vasto tornam-se, ao mesmo tempo, algo angustiante e cômico – de uma comicidade tamanha que beira o sarcástico (encontra-se aqui seu humor ácido e original). Assim, observando que a escrita é a maneira mais eficaz para a perfeita compreensão de seu sentir e de sua confusão interna, além de seu “estar” no mundo, pode-se captar resquícios de angustias e inquietudes.

Pensando na importância que há em estudar a literatura em conjunto com a filosofia, observa-se o existencialismo refletido por Albert Camus nos escritos de Drummond. Camus expõe um sujeito que só pode contar com ele mesmo, com seus esforços e seus sentimentos, o que nos leva a refletir sobre o estado absurdo; em seu livro, *O Mito de Sísifo*, o pensador reconhece o inconformismo que o homem absurdo demonstra em relação ao mundo em que está inserido, reconhecendo assim a luta diária que esse homem existencialista trava para se encaixar, ou ao menos sobreviver no mundo torto. O filósofo o escreveu quando tinha 29 anos, e estava em plena Segunda Guerra Mundial. O livro é seu primeiro escrito sobre a teoria da absurdidade, demonstrando assim o homem que possui consciência de seu estado e o enfrenta. Segundo o autor, o absurdo:

Esse mal estar-estar diante da desumanidade do próprio homem, essa incalculável queda diante da imagem daquilo que somos, essa “náusea”, como diz um autor dos nossos dias, é também o absurdo. (CAMUS, 2014, p. 29)

O filósofo frisa que o estado absurdo não se refere ao mundo em si e sua estrutura, nem no homem, mas sim na relação entre ambos, como cita, “toda ciência desta terra não me dirá nada que me assegure que este mundo me pertence”. Camus reforça que o homem absurdo tem consciência da sua vida, da sua revolta e de sua liberdade: “Começar a pensar é começar ser atormentado”. É de suma importância notar o destaque que o pensador dá para a relação entre o homem e o mundo e a consciência de se estar no mundo sem ilusões. Drummond retrata exatamente o homem absurdo

em seu poema José.

### **José**

E agora, José?  
A festa acabou,  
a luz apagou,  
o povo sumiu,  
a noite esfriou,  
e agora, José?  
e agora, você?  
você que é sem nome,  
que zomba dos outros,  
você que faz versos,  
que ama, protesta?  
e agora, José?

Está sem mulher,  
está sem discurso,  
está sem carinho,  
já não pode beber,  
já não pode fumar,  
cuspir já não pode,  
a noite esfriou,  
o dia não veio,  
o bonde não veio,  
o riso não veio,  
não veio a utopia  
e tudo acabou  
e tudo fugiu  
e tudo mofou,  
e agora, José?

E agora, José?  
Sua doce palavra,  
seu instante de febre,  
sua gula e jejum,  
sua biblioteca,  
sua lavra de ouro,  
seu terno de vidro,  
sua incoerência,  
seu ódio — e agora?

Com a chave na mão  
quer abrir a porta,  
não existe porta;  
quer morrer no mar,  
mas o mar secou;  
quer ir para Minas,  
Minas não há mais.  
José, e agora?

Se você gritasse,  
se você gemesse,  
se você tocasse  
a valsa vienense,  
se você dormisse,  
se você cansasse,  
se você morresse...  
Mas você não morre,  
você é duro, José!

Sozinho no escuro  
qual bicho-do-mato,  
sem teogonia,

sem parede nua  
 para se encostar,  
 sem cavalo preto  
 que fuja a galope,  
 você marcha, José!  
 José, para onde?  
 (DRUMMOND, 2015, p. 95)

Publicado em 1942, o poema ilustra um indivíduo referto de solidão na cidade. Além disso, nota-se que o poeta apresenta um José com a sensação de incompletude e sem esperança, seguindo sem rumo sua vida apresentada sem sentido. O nome não foi escolhido à toa, é um nome brasileiro comum, o que nos apresenta a sensação de coletividade, de povo. José seria todos nós. O poema inteiro reforça o sentimento de vazio existencial, de carência e falta de sentido – porém, ele continua, mesmo sem rumo, continua seguindo o fluxo existencial, mesmo não fazendo sentido naquele momento. Tenta o suicídio, mas não há sucesso. Observa-se o homem existencialista pensado por Camus:

É preciso descartar tudo e ir direto ao verdadeiro problema. As pessoas se matam porque a vida não vale a pena ser vivida, eis uma verdade inconteste – infecunda, entretanto, porque é um truísmo. Mas será que esse insulto à existência, esse questionamento em que a mergulhamos, provém do fato de ela não ter sentido? Será que seu absurdo exige que escapemos dela, pela esperança ou pelo suicídio? (CAMUS, 2014, p. 23).

O escritor ainda frisa as tentativas de escape ao citar que beber e fumar já não são soluções. José se depara com a realidade mundana, com a solidão – “[...] Pois tudo começa pela consciência e nada vale sem ela” (CAMUS, 2014, p. 27) – com o tédio, com o absurdo, e nota sua incongruência em face a um vasto mundo.

Um grau mais abaixo e surge a estranheza: perceber que o mundo é “denso”, entrever a que ponto uma pedra é estranha irreduzível para nós, com que intensidade a natureza, uma paisagem pode se negar a nós. No fundo de toda beleza jaz algo de desumano, e essas colinas, a doçura do céu, esses desenhos de árvores, eis no mesmo instante perdem o sentido ilusório com que os revestimos, agora mais longínquos que um paraíso perdido. A hostilidade primitiva do mundo, através dos milênios, remonta até nós. Por um segundo não o entendemos nele as figuras e desenhos que lhe fornecemos previamente, porque agora já nos faltam forças para usar esse artifício. O mundo nos escapa porque volta a ser ele mesmo. (CAMUS, 2014, p. 28).

José demonstra seu desencaxe, seu desencantamento com o mundo e sua falta de ação, não sabe como agir, como prosseguir. Não tem propósito e saída. Seus questionamentos não obtiveram respostas, soluções. O absurdo, segundo Camus, “nasce desse confronto entre o apelo humano e o silêncio irracional do mundo”, observa-se o



irracional, o escape, a nostalgia, o que tivera antes e já não tem mais – ou já não faz mais sentido ter; e o embate, o encontro com o que o mundo apresenta. Para José resta apenas uma pergunta, E agora, José?

#### 4 CONCLUSÃO

Vê-se, logo ao analisar os poemas em questão, a forte presença da corrente existencialista em Carlos Drummond de Andrade ao retratar seu desajustamento com o mundo visando questões políticas e melancólicas questões pessoais. Nos deparamos com um poeta em constante amadurecimento, em constante luta para a compreensão de seu estar-no-mundo. Sua poesia é exposta como simples, porém pesada, tentativa de comunicação com o mundo exterior, além da de encaixe no mundo vasto. O presente trabalho torna-se importante para a busca incessante de desvendar a obra drummondia, atizando a sensibilidade, levando-nos a refletir, além de tudo, nossa humanização e nossos percursos existenciais. Procurou-se aqui juntar a filosofia com a literatura para a amplitude dos estudos sobre a obra do poeta mineiro, entretanto, há a necessidade, e o interesse, de continuar a presente pesquisa com estudos complementares em um futuro próximo. Por fim, observa-se que a grande obra do itabirano desenha-se, desde o início de sua andança pelo mundo da poesia, um humano *gauche*; o sujeito *José*, que mesmo tendo em si o forte sentimento de desistir, mantém-se duro em meio a tanto *Sentimento de Mundo*.

## REFERÊNCIAS

ACHCAR, Francisco. **Carlos Drummond de Andrade**. São Paulo: Publifolha, 2000.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Nova reunião: 23 livros de poesia**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BILLY MARTINS. Carlos Drummond de Andrade revela seus gostos e fala de Itabira (1981). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hjEclYV-ppQ>>. Acesso em: 28 out. 2015.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 41. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. 5. Ed. Rio de Janeiro: BestBols, 2014.

CANÇADO, José Maria. **Os sapatos de Orfeu**: biografia de Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Globo, 2006.

CANDIDO, Antonio. Inquietudes na poesia de Drummond. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p 67-97.

COUTINHO, Afrânio. Nota editorial à obra completa In: DRUMMOND de Andrade, Carlos. **Obra Completa**. 6 ed: Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1967.

FAULKNER, William. **Luz em agosto**. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FERRAZ, Eucanaã. O poeta vê a cidade. Rio de Janeiro: **Revista Poesia Sempre**, 22 – 35. Nº 16, 2002.

GILES, Thomas Ransom. **História do Existencialismo e da Fenomenologia**. São Paulo: E.P.U, 1989.

JACOBY, Graziela Inês. Análise do Poema A Morte do Leiteiro de Carlos Drummond de Andrade. **Ideias: Revista do Curso de Letras**. Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/revistaideias/Artigos%20revista%2017%20em%20PDF/analise%20do%20poema.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2016. p. 17-22.

MORICONI, Italo. **Como e por que ler a poesia brasileira do século XX**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva; 2002.

NOVAES, Adauto (org). **Poetas que Pensaram o Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 21-64.

PAGOTO, Cristian. **As cidades no meio do caminho de carlos drummond de andrade: da vida besta ao mundo grande**. 2008. vi, 201 f. Dissertação para obtenção do grau de mestre em Letras (Estudos Literários) - Universidade Estadual de Maringá. 2008.

SARTRE, Jean-Paul. **O Existencialismo é um Humanismo**. 4. ed. São Paulo: Vozes de Bolso, 2012.

VILLAÇA, Alcides. **Passos de Drummond**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.